Rematec
Revista Matemática, Ensino e Cultura
20 Anos de publicações (2006 - 2026)

REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura ISSN 2675-1909
Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática (GPSEM)
Janeiro/Dezembro, 2026 – Ano 21, Número 56, e2026015, Páginas 1–15
10.37084/REMATEC.1980-3141.2026.n56.e2026015.id797

FLUXO CONTÍNUO – ARTIGO

Perspectiva etnomatemática na prática da contrução de rabetas por estudantes ribeirinhos do Marajó

Ethnomathematical perspective in the practice of constructing rabetas by riverine students of Marajó

Perspectiva etnomatemática en la práctica de la construcción de rabetas por estudiantes ribeirinos del Marajó

Cleison de Oliveira Soares[1] e Hercio da Silva Ferreira[2]

Resumo

Este artigo foi idealizado a partir da curiosidade de se conhecer o contexto do processo de construção de rabetas no meio rural do município de Breves-PA. A pesquisa em questão visou conhecer in loco o fazer e o diálogo no ambiente de trabalho de dois jovens estudantes construtores desse tipo de embarcação. A pesquisa é de abordagem qualitativa, etnográfica. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizados diário de campo, entrevistas, áudios e filmagens gravados. Para discussão dos dados, foram realizadas análise dos diálogos presentes na transcrição das gravações e anotações. Os fios teóricos, que possibilitaram esta pesquisa, são provenientes da Etnomatemática. A pesquisa identificou o potencial de recursos a serem explorados dentro do processo de construção e utilização das rabetas, assim como, buscou chamar a atenção para a contextualização nas aulas de matemática daqueles que aspiram desenvolver novas pesquisas na área.

Palavras-chave: Etnomatemática; Estudantes ribeirinhos; Construção de rabetas; Ambiente de Práticas.

Abstract

This article was conceived out of a curiosity to know the context of the boat-building process in the rural area of the municipality of Breves-PA. The aim of the research in question was to find out in situ how two young students who build this type of boat do it and how they talk about it in the workplace. The research took a qualitative, ethnographic approach. Field diaries, interviews, audio recordings and video recordings were used as data collection tools. To discuss the data, we analyzed the dialogues in the transcripts of the recordings and notes. The theoretical threads that made this research possible come from Ethnomathematics. The research identified the potential for resources to be explored within the process of building and using the boats, as well as drawing attention to contextualization in mathematics classes for those who aspire to develop new research in the area.

Keywords: Etnomatemática; Riverine Students; Construction of Rabeta; Practice Environment.

Resumen

Este artículo surgió de la curiosidad por conocer mejor el proceso de construcción de botes en la zona rural de la ciudad de Breves-PA. La investigación en cuestión pretendió conocer *in loco* el hacer y el diálogo en el ambiente de trabajo de dos jóvenes estudiantes que construyen este tipo de embarcación. La investigación adoptó un enfoque cualitativo, etnográfico. Como herramientas de recogida de datos se utilizaron diarios de campo, entrevistas, grabaciones de audio y filmaciones. Para discutir los datos, fueron analizados los diálogos presentes en la transcripción de las grabaciones y notas. Los hilos teóricos que hicieron posible esta investigación proceden de la Etnomatemática. La investigación identificó el potencial de recursos a explorar dentro del proceso de construcción y utilización de los botes, además de llamar la atención sobre la contextualización en las clases de matemáticas para aquellos que aspiran a desarrollar nuevas investigaciones en el área.

Palabras clave: Etnomatemática; Estudiantes ribereños; Construcción de rabetas; Entorno de Prácticas.

[1]Secretaria Municipal de Educação de Breves (SEMED), Breves, Pará, Brasil. E-mail: cleisondeoliveirasoares@gmail.com
[2]Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, Pará, Brasil. E-mail: hercio@ufpa.br

OPEN ACCESS

Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática
GPSEM

1. INTRODUÇÃO

Este artigo foi idealizado a partir da curiosidade de se conhecer o processo de construção de rabetas no meio rural do município de Breves-PA. Além disso, observei o crescente número de jovens aderindo a essa atividade. Considerei ainda as viagens que fazia até as escolas, por onde costumo trabalhar, das quais guardo muitas recordações, principalmente nos afazeres que expressam conhecimentos culturais das pessoas que vivem nessas comunidades pertencentes a uma região composta por muitos rios, furos, igarapés e baixas, por onde cotidianamente, necessitam se deslocar, como se numa grande cidade cheia de avenidas e ruas. Sendo assim, o transporte fluvial por meio de rabetas tornou-se de extrema importância, principalmente para os ribeirinhos, não apenas pela necessidade de locomoção, mas também por se tratar de um transporte mais rápido que os possibilita economizar tempo, que pode ser usado em outras atividades.

Através da atuação como professor de Matemática no Ensino Modular Rural, com uma turma de 8º ano da escola São Raimundo, localizada no Rio Tauajuri, no município de Breves, verifiquei que dois alunos da referida turma, estavam iniciando a prática de construção de rabetas, cada um com estilo próprio, porém com objetivos parecidos. Constatei ainda, que essa atividade era a fonte de produção dos diferentes tipos de rabetas e suas variadas especificidades de tamanho, estilo e design, pois nessa região as viagens nas águas que correm, ora em um sentido, ora em sentido contrário, seja nos rios, furos e igarapés, requerem modelos as vezes velozes, as vezes cargueiros. Nesse sentido, Lucena (2005) afirma que.

> A diversidade cultural presente nas relações sociais demonstra a variabilidade de domínios desenvolvidos pelos seres humanos, que constroem conhecimento seja pela pulsão do prazer, seja pela luta na sobrevivência material e transcendental. [...] O prazer em conhecer antecede às necessidades que impulsionam o conhecimento. [...] A busca pela sobrevivência torna o homem um ser pensante e agente em seu meio, o qual desenvolve técnicas, instrumentos e comportamentos individuais e coletivos, por vezes identificados em práticas profissionais que lidam com o meio em que vive, entre seus pares e/ ou outras espécies (Lucena, 2005, p. 13).

Assim, surgiram os seguintes questionamentos: Se os dois alunos da escola São Raimundo supracitados nunca construíram sequer algo parecido, como foi que adquiriram todos os conhecimentos necessários à construção de uma rabeta? Como se relacionam os saberes aplicados nessa prática com os "saberes da escola"?

Essas indagações levaram-me a idealizar algo que proporcionasse um olhar mais profundo sobre a profissão dos dois estudantes. A partir daí, decidi realizar a pesquisa, norteado pelos seguintes questionamentos: O que despertou nesses jovens estudantes o interesse por tal atividade? Quais os procedimentos utilizados na construção de uma rabeta de acordo com suas finalidades? Que saberes da Etnomatemática são aplicados nas práticas cotidianas da construção de rabetas, pelos jovens estudantes construtores dessas embarcações? Como esses saberes foram adquiridos?

Para D'Ambrósio (2011), "todo indivíduo vivo desenvolve conhecimento e tem um comportamento que reflete esse conhecimento, que por sua vez vai-se modificando em função dos resultados do comportamento". Assim as características apresentadas nas rabetas dependeriam da finalidade a qual era destinada. Para passeio, eram menores e mais estilosas, já para o trabalho diário do ribeirinho, eram maiores e menos estilosas. É, exatamente, para a compreender como se dá e como se desenvolve os conhecimentos, da Matemática nos estaleiros ou barracões? que se volta esta pesquisa, em especial para a compreensão dos saberes culturais que perpassam a fabricação das rabetas e os processos de obtenção desses saberes entre os jovens construtores participantes.

2. O REFERÊNCIAL TEÓRICO NO AMBIENTE DE SABERES E PRÁTICAS

Os ambientes onde são construídas as rabetas funcionam como locais de circulação de conhecimentos e saberes. Sendo assim, os dois estaleiros onde ocorre a prática da construção dessas pequenas embarcações, assumem a função de uma escola em que os dois jovens mestres aprendem na prática diária, novas formas para se construir as referidas embarcações, buscando sempre a mais adequada de acordo com a necessidade local. É, exatamente, para a forma como se dá e como se desenvolvem os conhecimentos da Matemática nos estaleiros ou barracões que se volta esta pesquisa, em especial para a compreensão dos saberes culturais que perpassam a fabricação das rabetas e os processos de obtenção desses saberes entre os jovens construtores participantes. Nesse sentido, D'Ambrósio (2011) afirma que.

> O cotidiano está impregnado de saberes e fazeres próprios da cultura. A todo instante os indivíduos estão comparando, classificando, quantificando, medindo, explicando, generalizando, inferindo e de algum

> modo avaliando, usando assim os instrumentos materiais e intelectuais que são próprios à sua cultura (D'Ambrósio, 2011, p. 22).

Nessa perspectiva, esta pesquisa se voltou para uma análise dos processos matemáticos vivenciados intrinsecamente no ambiente de trabalho dos dois jovens entrevistados, destacando especialmente a Etnomatemática que perpassa a fabricação de uma rabeta, sem deixar de considerar a forma como são gerados tais conhecimentos.

No quadro abaixo é apresentado o perfil dos estudantes carpinteiros entrevistados, que serão tratados como participantes.

Quadro 1 – Perfil dos Participantes

Entrevistados	Experiência	Escolaridade	Atuação
Participante A	2 anos	Nível fundamental completo	Construção e reforma de rabetas.
Participante B	3 anos	Nível fundamental completo	Construção e reforma de rabetas.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com a intenção de se trabalhar e buscar uma reflexão sobre o que foi colocado como problemática do tema escolhido, estabeleceu-se como objetivo geral desta pesquisa: conhecer o processo de construção de rabetas, executados por jovens ribeirinhos, para identificar na atuação do grupo as técnicas de construção que possibilitam a produção de diversos modelos, verificando assim a relação entre as características da rabeta e a finalidade à qual se destina, visando analisar as relações entre os saberes de prática aplicados e os conceitos formais da Matemática.

Devido a outras indagações que surgiram a respeito do objetivo acima definido, foi preciso orientar a pesquisa para outros objetivos específicos, tais como: a) Identificar a linguagem que norteia a comunicação no ambiente de trabalho dos jovens construtores de rabeta, b) Compreender o processo de construção de rabetas, identificando as técnicas que possibilitam a introdução das características apresentadas nos diversos modelos, c) Verificar a relação existente entre as características de uma rabeta e a finalidade à qual se destina e d) Analisar as relações entre os saberes culturais aplicados pelos jovens construtores e os conceitos formais relacionados à Matemática.

A ideia de pesquisar a Etnomatemática, presente nas atividades dos estudantes carpinteiros construtores de rabetas, nasceu de uma percepção desenvolvida durante minhas experiências como professor do ensino modular rural no município de Breves (PA), quando passei a observar a importância dessa prática em diversos aspectos do cotidiano dos ribeirinhos, além da compreensão de que, nessa atividade, se aplicam uma série de conhecimentos Etnomatemáticos que são utilizados por esses construtores de forma prática, a partir de "saberes culturais de ribeirinhos" (Lima, 2011, p. 60), considerando que não passaram por nenhuma formação técnica.

Entende-se que os pensamentos Etnomatemáticos que norteiam o desenvolvimento da prática desse grupo, são frutos de uma organização de ideias e estão objetivados por intermédio das construções desses tipos de embarcações, conforme as características que se pretende ao produto final. Percebe-se que, embora o pensamento proporcione uma maior elaboração sobre as ações, ele também revela um aspecto peculiar e restrito a atividade desses jovens, que se encontra na limitação da compreensão da Matemática, nos seus aspectos formais, dado o grau de conhecimento institucionalizado desse grupo. Por esta razão, identificar as formas de aplicação da Etnomatemática, associada a comunicação utilizada no ambiente de trabalho desse grupo, pode oportunizar as vias de acesso à compreensão de forma mais simples e cotidiana da Matemática.

Durante o convívio nas comunidades rurais do município de Breves (PA), além de frequentemente estarmos em contato, com jovens estudantes que dedicam parte de seu tempo a construção de rabetas, é comum convivermos com usuários desse tipo de embarcação. É claramente notável a larga utilização dessas pequenas embarcações pelos ribeirinhos das comunidades, em diversas atividades cotidianas: pesca, caça, passeio, transporte (inclusive escolar), comércio, extrativismo, competições, entre outras.

No decorrer de diversas observações percebi que cada atividade exige que a rabeta apresente características compatíveis como capacidade, qualidade do material, formato etc. São essas características que basicamente diversificam os variados modelos. As competições, por exemplo, requerem rabetas construída com materiais leves e em formatos que amenizem o atrito com a água e a resistência do ar, proporcionado deslocamentos em

velocidades cada vez mais altas, o que influencia diretamente nas medidas, nos cortes, nas curvas e nos ângulos de inclinação das peças de madeira utilizadas nas construções.

A necessidade de melhorias de velocidade das rabetas levou a percepção de uma conexão entre áreas de conhecimentos formais e saberes de tradição, possibilitando assim, não só a escolha de nossa problemática, como também, uma oportunidade de acréscimo de conhecimento à aprendizagem referente à Matemática, desenvolvidas por esse grupo, além de um reconhecimento, respeito e discussão de grupos institucionalizados, que até então, desconhecem a importância do "outro diferente", ou seja, dos carpinteiros construtores de rabetas.

Observando as formas de construir conhecimentos não arraigados à perspectiva escolar, busca-se mostrar através da referida pesquisa, a importância da não hierarquização entre ciência e tradição, algo identificado também no desenvolvimento do trabalho dos jovens estudantes (carpinteiros construtores de rabetas do rio Tauajurí do município de Breves (PA).

É fundamental caracterizar a pesquisa em questão como uma iniciativa relevante para compreender quais conhecimentos Etnomatemáticos, são empregados pelos jovens estudantes carpinteiros, que constroem rabetas. O foco recai sobre a aplicação dessa Etinomatemática, especialmente no que diz respeito à estruturação de práticas que se baseiam em padrões tradicionais e socioculturais, adaptados a ambientes institucionalizados. Dessa forma, o objetivo da realização dessa pesquisa, é conhecer as concepções, tradições e práticas Etnomatemáticas desse grupo específico. Nesse sentido, Lucena (2005) afirma que.

> O navegar pela educação matemática, pela vida de jovens adolescentes, pelos saberes da carpintaria naval, é navegar carregando razão e paixão. Esse barco não separa as cargas, que ainda que pesadas, quando bem equilibradas não são suscetíveis a naufrágios. Fico com o desejo e esperança de que essa tese seja propulsora de outros navegares, de outros navegantes, sob o diálogo entre ciência e tradição (Lucena, 2005, p. 216).

3. METODOLOGIA

O conhecimento prévio da realidade dos participantes e do local da pesquisa trouxeram indagações relevantes para se fazer uma reflexão sobre como se dá a construção do conhecimento no ambiente de trabalho dos jovens estudantes construtores de rabetas, da comunidade São Raimundo, rio Tauajuri município de Breves-PA.

Diante da necessidade de se buscar detalhes sobre a prática da construção de rabetas, foram realizadas entrevistas com dois jovens estudante carpinteiros, o participante A, de 23 anos de idade, e o participante B, de 21 anos, que há aproximadamente três anos dedicam-se exclusivamente a construção dessas pequenas embarcações. São jovens estudantes solteiros, que cursam o primeiro ano do Ensino Médio, que iniciaram essa prática sem nenhuma experiência em construção naval, a não ser as observações das embarcações já prontas. Para tanto, a fim de se criar um ambiente propício ao uso do discurso livre, utilizamos entrevistas não-diretivas, conforme Severino (2007).

> ENTREVISTAS NÃO-DIRETIVAS Por meio delas, colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervém discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações (Severino, 2007, p. 127).

Por saber que os entrevistados não tinham experiência em participação em entrevistas, principalmente em seu ambiente de trabalho, entendeu-se que, dentro de um ambiente descontraído os jovens carpinteiros expressariam satisfatoriamente as informações desejadas.

Os dados coletados foram analisados com aplicação de métodos e técnicas compatíveis com a "abordagem qualitativa" (Severino 2007) e se deu nas seguintes etapas: transcrição de áudio e vídeo e fichamento.

4. O DIÁLOGO NO ESTALEIRO NA PERSPECTIVA ETNOMATEMÁTICA

A Matemática está presente em todos os aspectos da vida e nas diversas áreas de conhecimento da humanidade. Ela se manifesta de diferentes maneiras em várias culturas. No caso dos jovens que constroem rabetas, a Matemática é utilizada para alcançar os objetivos que desejam em suas atividades. Esse uso pode ser percebido ao longo de todo o processo de construção de uma rabeta. Nesse sentido, Mendes e Lucena (2012) afirmam.

> Por isso, a matemática pode ser vista como um fenômeno cultural e, ao mesmo tempo, universal, pois os problemas e necessidades que ocasionam seu surgimento assim o são. O que distingue as percepções matemáticas que se constroem em um lugar ou em outro são as estratégias desenvolvidas por povos distintos ao longo dos tempos, e o nível de desenvolvimento que cada cultura alcançou no tempo considerado (Mendes & Lucena, 2012, p. 65).

Diante da necessidade de se buscar detalhes sobre a prática da construção de rabetas, foram realizadas entrevistas com dois jovens estudantes carpinteiros de rabetas, o participante A, de 23 anos de idade, e o participante B, de 21 anos, que há aproximadamente três anos dedicam-se exclusivamente a construção dessas pequenas embarcações. São jovens solteiros e estudantes, que iniciaram essa prática sem nenhuma experiência em construção naval, a não ser as observações das embarcações já prontas. Para tanto, a fim de se criar um ambiente propício ao uso do discurso livre, utilizamos entrevistas não-diretivas.

Ao final da organização e leitura dos dados coletados nas fontes bibliográficas e de campo, identificaram-se através dos diálogos com os dois jovens construtores de rabetas comentários que são de extrema importância e imprescindíveis para o desenvolvimento da pesquisa. As ideias centrais presentes nos diálogos foram organizadas em três categorias, a saber: (1) O surgimento da prática/profissão, (2) Curiosidades da linguagem utilizada no ambiente de trabalho dos jovens construtores de rabetas, (3) A Matemática no Processo de Construção das Rabetas.

4.1 O surgimento da prática/profissão

O homem busca constantemente adquirir capacidades que possam ajudá-lo em suas necessidades nas atividades do dia-a-dia. Para isso, busca, acumula e seleciona informações, as quais são usadas nas tomadas de decisões na busca de um melhor resultado.

> Todo indivíduo vivo desenvolve conhecimento e tem um comportamento que reflete esse conhecimento, que por sua vez vai-se modificando em função dos resultados do comportamento. Para cada indivíduo, seu comportamento e seu conhecimento estão em permanente transformação, e se relacionam numa relação que poderíamos dizer de verdadeira simbiose, em total interdependência (D'Ambrósio, 2011, p. 18).

O interesse pelo desenvolvimento de determinadas atividades, surge em determinados grupos, por diferentes motivos. No caso da construção de rabetas, praticada pelos dois jovens do rio Tauajurí, Breves-PA, se dá desde cedo. Percebe-se em suas falas, que há anos realizam esse trabalho o que permite concluir que, apesar de jovens, esses construtores têm uma experiência considerável que pode ser aproveitada.

Professor: *Há quanto tempo você trabalha com a construção de rabetas?*

Participante (A): *Tá uns... seis anos, mais ou menos. Essa faixa aí.*

Participante (B): *Faz uma faixa de uns sete anos.*

Professor: *Começou a trabalhar aqui mesmo na tua casa?*

Participante (A): *Foi aqui mesmo, em casa mesmo.*

Entende-se que nesse caso, a prática nasceu livremente, sem pressões, sem imposição, nasceu da vontade e curiosidade dos participantes da pesquisa. Pode-se dizer que esses construtores tiveram inspirações diferentes, o participante A teve a sua curiosidade despertada ao ver esse tipo de embarcação pronta, construída por carpinteiro por ele desconhecido, enquanto que o interesse do participante B é despertado ao ver seu tio construindo um casco. Isso fica claro em suas falas quando dialogam com o pesquisador a respeito da iniciação na profissão.

Professor: *Você trabalhava em que antes?*

Participante (A): *Trabalhava aí nas serrarias do... seu Florisvaldo.*

Professor: *Há! Você não trabalhava construindo barco?*

Participante (A): *Não. Depois de uns tempos pra cá que eu já... me deu aquela vontade de... de tentar fazer, aí eu tentei e consegui fazer.*

Professor: *Mas você já tinha visto alguém fazendo? Construindo uma rabeta?*

Participante (A) *Na verdade nunca tinha visto, porque por aqui nesse nosso meio aqui, era difícil ver alguém fazendo. [...] Era só pronto.*

Participante (B) [...] *primeira vez que eu vi foi o meu tio trabalhando assim num casco aquilo me chamou atenção ai como eu sou uma pessoa meio curiosa né primeiro eu comecei a fazer.*

Percebe-se então que essa prática surge para os participantes como uma continuidade de uma das culturas ribeirinhas, a construção de embarcações que atendam suas necessidades cotidianas. Vê-se ainda que, no caso desses dois jovens, a necessidade de um transporte foi a motivação que conduziu ambos a essa prática. Suas falas evidenciam que, ao iniciar essa prática não tinham pretensões de fazer dela um ofício e nem tampouco uma fonte de renda.

> **Professor**: *A primeira que tu fez foi só por curiosidade ou fez pra tentar aprender já pra ganhar dinheiro?*
>
> **Participante (B)**: *É, eu fiz porque eu queria né, com a condição financeira fraca, não dava pra comprar né e eu mesmo fiz, fiz uma pra mim aí deu pra mim viajar algum tempozinho.[...] foi pra utilidade.*
>
> **Participante (A)**: *Não, eu precisava do casco. Na verdade eu fez pra mim usar mesmo é... navegar dentro. Eu tinha um motorzinho, aí eu sair pra fazer... aí fez pra mim.[...] Foi, pra necessidade. Não era por intenção de vender ainda pra ganhar dinheiro, pro sustento.*

A partir da primeira construção os participantes perceberam o próprio potencial e passaram a ver a construção de rabetas como uma atividade que poderia vir a ser uma fonte de renda. Ao analisar o diálogo, percebe-se que de fato se tornou fonte financeira que contribui consideravelmente com as rendas de suas famílias.

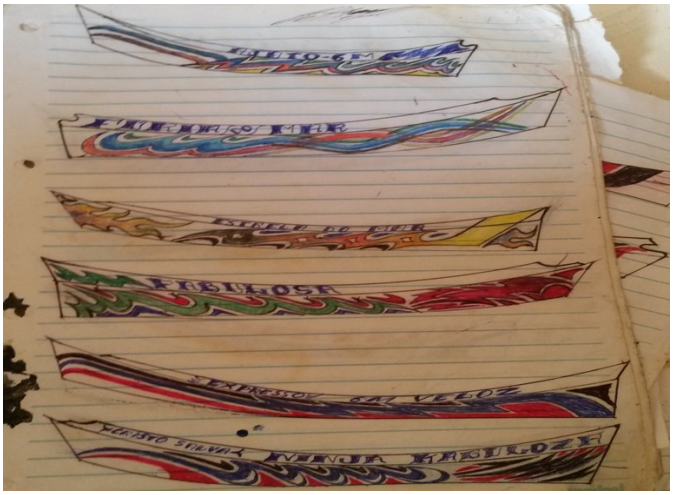
> **Professor**: *Como você fez a primeira? Qual foi o processo?*
>
> **Participante (A)**: *Foi, da madeira bruta. Peguei... foi... mandei serrar a tora do pau, tirado as tábuas, aí eu fui... fazendo.*
>
> **Professor**: *A tua primeira obra já foi prontinha? Do começo ao fim.*
>
> **Participante (A)**: *Foi, do começo ao fim. Só que não era assim desse jeito aqui que já tá hoje em dia. Tudo bonitinha. Só era mesmo... colocado uma tintazinha mesmo, só pra dizer que tava pintado.*
>
> **Professor**: *Naquele momento tu já tinhas a intenção de ganhar dinheiro com isso?*
>
> **Participante (A)**: *Já tinha intenção de... de ganhar o dinheiro, porque eu percebia que eu já dava conta de fazer mesmo... os casco.*
>
> **Professor**: *Agora tu faz pra vender? Já é uma renda pra ti?*
>
> **Participante (B)**: É, *agora eu passei a fazer pra mim vender.* [...] *já uma renda minha né, pros custozinhos do dia-a-dia que a gente tem.*
>
> **Professor**: *É o teu trabalho hoje?*
>
> **Participante (B)**: *É, hoje tá sendo meu trabalho né isso aqui. trabalho diretamente mesmo na construção dessas rabetas.[...] o pessoal encomenda e aí...geralmente eles trazem a madeira, encomendam e eu faço. quando eles querem pra fazer pra entregar pintado eu faço aí trabalho tudinho e entrego pintada. as vezes encomendam mesmo só a mão de obra.*

Se no início a motivação principal foi a necessidade de um transporte para uso pessoal, agora é notável que o ganho financeiro é o que fez esses construtores buscarem, e continuarem buscando, o aperfeiçoamento de suas obras, pois observa-se que há outros construtores de rabetas nas proximidades, o que configura uma certa concorrência pelas encomendas. A busca por esse aperfeiçoamento não se limitou apenas ao preparo das peças de madeira e a criação de modelos com estéticas melhoradas, mas também inclui o acabamento refinado da rabeta.

Revela-se assim, nos diálogos que, a partir de certo momento, os jovens estudantes construtores, dedicaram-se também a aprender pintá-las e, posteriormente, passaram a introduzir na pintura desenhos criados a partir da própria imaginação que primeiramente são feitos em papéis, e depois reproduzidos na rabeta. Os participantes apresentaram alguns desses desenhos e falaram da inclusão do serviço de pintura no processo.

> **Professor**: *Esse trabalho de pintura é você que faz também?*
>
> **Participante (B)**: *Faço. faço tudinho. Essa aqui, por exemplo, essa aqui quando eu comecei trabalhar nela a madeira tava brutinha. por exemplo, tava igual essas umas aí, tava bruta mesmo, não tinha nada ái eu fui metendo mão de obra né. eu*

Imagem 1 – Desenho produzidos pelo participante B.



Fonte: Participante B.

> *plainei bacana e talhei e levei pra fazer ela. Aí aprontei aí comecei a trabalhar na pintura dela...*
>
> **Professor**: *Esse trabalho de pintura como foi que se desenvolveu? Aprendeu com quem?*
>
> **Participante (A)**: *Aí das terceira em diante não, que eu já comecei... pintar mesmo assim, fazer esses desenhos pelo lado. Passar a massa começar... profissionalizar o... o trabalho.*
>
> **Partcipante (B)**: *Esse trabalho também né, eu aprendi por conta própria. foi um amigo [...] conhecido meu...veio um dia ali na casa do vizinho pintar uma, aí eu fui pra lá, eu tava espiando ele lá aí aquilo ficou na minha cabeça, aí pra mim começar desenvolver assim...é digamos assim uns desenhos básicos, eu comecei desenhando num caderno, pegando uma caneta, um lapizinho e desenhava assim.. fazia um desenho da rabeta no caderno assim e fazia algumas pinturazinha pelo lado e depois eu passei a desenvolver né, já assim no casco mesmo. Também foi né, o serviço de pintura também foi por conta própria, nunca tive um estudo assim, nunca fiz curso, nada de pintura, só mesmo por conta própria.*

Pode-se dizer que as pinturas feitas por esses construtores realmente conferem uma estética admirável a essas embarcações. É perceptível que as rabetas com essas pinturas são usadas por muitos ribeirinhos como um acessório indispensável na hora dos passeios pelos rios deste município.

Imagem 02 – Ribeirinho passeando em uma rabeta.



Fonte: Dos próprios autores.

Muitos jovens, principalmente do meio rural onde as oportunidades de empregos, é cada vez menor, estão buscando desenvolver atividades baseadas na realidade do grupo ao qual faz parte. O importante é que nessas atividades eles possam expressar suas vontades, curiosidades e criatividades, para posteriormente conseguir uma renda através do seu trabalho.

> O processo de cada indivíduo gerar conhecimento como ação a partir de informações da realidade é também vivido por outro, no mesmo instante. A realidade é percebida diferentemente, isto é, as informações recebidas por cada indivíduo são diferentes. Obviamente, essas informações são processadas diferentemente e, como resultado, as ações são, em geral, diferentes (D'Ambrósio, 2011, p. 57).

4.2 Curiosidades na linguagem utilizada no ambiente de trabalho dos jovens estudantes construtores de rabetas

Esta categoria apresenta um dos momentos cruciais da realização dessa pesquisa, aqui são descritos o ambiente de trabalho dos construtores de rabetas, a definição para rabeta, importância, etapas do processo de construção, suas características, finalidade e alguns termos curiosos próprios da prática da construção de rabetas.

O cotidiano do local onde os grupos culturais desenvolvem suas atividades está repleto de informações curiosas, que são próprias de suas práticas, e estão expressas em seus conhecimentos, comportamentos, e mais especificamente na linguagem utilizada no ambiente das práticas dos mesmos.

> O cotidiano de grupos, de famílias, de tribos, de comunidades, de agremiações, de profissões, de nações se dá, em diferentes regiões do planeta, em ritmo e maneiras distintas, como resultado de propriedades determinadas, entre muitos fatores, por condições ambientais, modelos de urbanização e de produção, sistemas de comunicação e estruturas de poder (D'Ambrósio, 2011, p. 18).

Dependendo da região, as embarcações recebem nomes específicos, porém em todas dependem de suas características, capacidade ou finalidade, aqui o modelo em questão é o seguinte:

Rabeta: pequena embarcação motorizada, construída em madeira (tábuas) com acabamento refinado. Sua estrutura assemelha-se ao casco, porém é mais comprida e se caracteriza pela utilização de pequeno e potente motor de popa cujo eixo propulsor é longo e fica completamente externo a embarcação. Segundo os ribeirinhos, são essas características que condicionam a embarcação à uma excelente performance no quesito velocidade.

Imagem 03: rabetas utilizadas pelos ribeirinhos.



Fonte: Dos próprios autores.

Para os jovens construtores de rabetas, na hora de se construir essas embarcações, muitos elementos devem ser levados em consideração, a começar pela importância, como observado no diálogo com os dois participantes.

> **Professor**: *Qual a importância desse tipo de embarcação para vocês hoje?*
>
> **Participante (A)**: *É uma importância muito grande que é o único... é um dos meios de transporte melhor que a gente tem, mais adequado pra gente ir numa viagem mais rápido. E é importante mesmo pra gente... nem tanto pra... pra se divertir quanto mesmo pra necessidade da gente, que as vezes a gente precisa ir num lugar mais distante, ai num... numa rabeta dessa é mais rápido pra gente ir.*
>
> **Participante (B)**: *É... o meu tipo né... de avaliação que eu dou, é que é um meio de transporte muito importante pra nós ribeirinhos né, porque... eu digo isso porque né, ele chegou pra nós de uma certa forma, digamos assim, né que foi tão... tão agradável, digamos assim, porque melhorou nosso transporte, a gente é... passou*

> *a fazer nossas viagens mais rápido, então é algo mesmo muito importante né, não só pra mim, mas pra todos os ribeirinhos, tanto é que dificilmente você passa numa assim né que não tenha uma rabetinha dessa. Então é algo que é muito importante assim, eu mesmo costumo dizer né que tipo me viciou já um casco... uma rabetinha dessa, por exemplo, se eu não tiver uma rabeta dessa pra mim ta andando, fazendo minhas viagens por aí né, [...] então né se tornou uma coisa tão útil mesmo né, como... como... como quase uma alimentação né, que a gente tem que ter todo dia. Então aí, graças a Deus, hoje não, digamos assim, dificilmente eu fico sem uma por já saber fazer, e geralmente, as vezes quando eu fico sem, mas é poucos dias, em pouco tempo eu tenho outra de novo.*

A importância dada a esse tipo de embarcação para os ribeirinhos gera preocupação, cuidado e atenção, por parte dos construtores na hora da construção da mesma. Esse fato é observado quando os participantes da pesquisa relatam sobre capacidade, segurança e velocidade.

> **Professor**: *Quantas tábuas tu utiliza pra fazer um casco de rabeta?*
>
> **Participante (A)**: *Depende de quantas é... a capacidade e da largura pra ficar boa no... no... parte do fundo. É de sete a oito tábuas.*
>
> **Professor**: *Essa rabeta que tu ta fazendo aqui, tu tem uma base da capacidade dela?*
>
> **Participante (B)**: *Tenho, ela é... a capacidade dela, ela aguenta... três pessoas [...] ela tem uma faixa de três metros né, com... com uns 38 de altura, que ela... é a capacidade ideal pra cabí três pessoas [...] quando as pessoas assim, encomendam que... que querem pra... cinco pessoas, seis pessoas, aí que eu faço maior né, que no caso é o tamanho daquela ali, a capacidade dela é pra cinco, seis pessoas.*
>
> **Professor**: *Agora se o... se o... numa encomenda, por exemplo, um cliente vem e ele quer uma rabeta bem segura assim, qual é o... aí tu vai te preocupar em que parte? Que detalhe seria?*
>
> **Participante (B)**: *Eu vou me preocupar em fazer esses braços aqui, um mais pertinho do outro assim. É, eu faço ele mais pertinho assim do outro né? [...] por exemplo, nesse vão aqui ó, enquanto tem só um braço aí já... já passa né a ter dois braços, aí ela fica mais segura, mais reforçada.*
>
> **Professor**: *Quero uma... uma rabeta pra tantas pessoas mas quero que ela navegue muito, por exemplo, quero que seja veloz né, quais são os detalhes que você prioriza nesse caso?*
>
> **Participante (B)**: *Nesse caso né, meus detalhes que eu priorizo né, é procurar uma madeira mais maneira, digamos assim, né e é... afinar mais né madeirame dela. Fazer mais fino né pra que no final ela se torne bem maneirinha né, e... aí isso é... ajuda bastante né, no caso se for uma rabeta assim grande e maneira ela é... fica bem veloz.*
>
> **Professor**: *O pessoal fala que... lixar o fundo... esse negócio de lixar o fundo. Por que tem que ser bem lixado assim?*
>
> **Participante (A)**: *Porque é pra ficar bem liso, pra não ficar essas beiras mais altas que é pra ela deslizar bem, dentro d'água [...] mais bem lixado mais boa fica pra navegar (mais veloz).*

Durante os diálogos com os jovens, nos falaram dos nomes das peças que compõe a estrutura de uma rabeta, das ferramentas utilizadas durante a construção das mesmas, além da importância delas em seus ambientes de trabalho.

> **Professor**: *Como é o nome que você dá a essas peças que compõe a estrutura da rabeta?*
>
> **Participante (A)**: *Essa daqui é a... o aparamar, essa daqui é acatrate, esse daqui é o banco, esse daqui é a ... chama-se a caverna, essa daqui é o... só um... braço mesmo, essa daqui é a falca e esse daqui a parte do fundo. Tem a rodela, aquele lá, o papa prego, é esse aqui.*
>
> **Participante (B)**: *Essa peça aqui né, a chama, eu chamo de braço. É o braço da rabeta. Essa parte aqui eu chamo né o fundo, o fundo da rabeta. Isso aqui são os*

> *lados. Essa é a rodela, que nós chamamos... né. Esse aqui é o beiço. E essa parte aqui da frente a gente chama de acatrate... é e esse aqui é o papa prego, uma peça que é... ela ajuda né as duas tábuas a ficarem assim. Ela reforça pra que não abra assim, é quando a gente termina de encostar os lados.*

As peças que compõem a estrutura de uma rabeta, nomeadas pelos participantes, são apresentadas na imagem a seguir.

Imagem 4: Peças que compõem a estrutura de uma rabeta.



Fonte: Dos próprios autores.

Assim sendo, com exceção ao papa prego, todas as peças são feitas da mesma madeira. Isso por que o papa prego é feito de madeira mais resistente por estar na frente da embarcação onde geralmente ocorrem impactos que comprometeriam a atracação das falcas do lado bem como das peças do *acatrate*.

4.3 A Etnomatemática no Processo de Construção das Rabetas

Em determinado momento da pesquisa, evidenciei, através das conversas com os participantes, a existência de usos da Etnomatemática durante a prática da construção de rabetas. Como podemos observar no trecho da entrevista abaixo, no ambiente de trabalho dos construtores de rabetas é utilizada uma linguagem específica, principalmente no início da construção, que se relaciona com o uso de duas ferramentas fundamentais, o *graminho* e a *suta*

> **Professor**: *A gente ver que essa tábua do lado é meio inclinada, como se faz esse corte inclinado nos lados da tábua do fundo?*
>
> **Participante (A)**: *Isso a gente tira uma medida lá, aí pega o... quando talhado, pega o graminho, aí risca a... a... o tanto que quiser a abertura dele, aí retira com a plaina pelos dois lados até ficar certinho, um contra o outro.*
>
> **Participante (B)**: *Então, geralmente, eu faço um graminho [...] Aí quando pega uma tábua dessa né do fundo aqui, que a gente chama, ela tá com o corte assim reto [...] Aí faz esse risco todinho, aí pega a plaina né e vai plainando né, até chegar nesse risco que é justamente pra ela ficar assim.*
>
> **Professor**: *Então, quer dizer que o fundo é a peça-chave para determinar o quanto vai ser aberto?*
>
> **Participante (A)**: *É, a peça-chave pra... ver como foi que... como é que vai ser a abertura dele.*
>
> **Professor**: *A suta é o quê?*
>
> **Participante (A)**: *É um ferrozinho que eu trabalho pra... pra ver como é que tá o lado da rabeta, se tá todo os dois normal.*
>
> **Professor**: *Como se faz para garantir que as peças dos lados tenham a mesma inclinação?*
>
> **Participante (B)**: *Aí né, pra gente ter a garantia né... pra gente ter a garantia que ela vai ficar só um jeito [...] eu costumo trabalhar com a suta. [...] Aí eu faço,*

> *meto ela aqui... meto ela aqui. Aí pra mim né ter a certeza que esse lado vai ficar idêntico ao outro. [...] Aí você percebe que ela fica só um jeito.*
>
> **Professor**: *Vamos ver nessa rabeta aqui. Então a suta é usada para ver a posição da falca?*
>
> **Participante (A)**: *É, eu uso aqui por dentro ela. É pra ver como é que tá o sutamento... esse daqui tá igual aquele. [...] é a abertura [...] Porque ante da gente... ante de fazer ela, quando tá fazendo o talho do fundo aqui, a gente ver logo o sutamento dos cortes aqui, ver se vai tá igual um do outro que é pra não dá confusão na hora de encostar a falca.*

Percebe-se nesses diálogos acima que, os construtores costumam utilizar a palavra *inclinação* para definir os ângulos formados entre a peça do fundo e as peças dos lados de uma rabeta. Essa *inclinação* é definida pelo que eles chamam de *sutamento* dos cortes das peças. E capacidade é o volume que determinado objeto pode conter em seu interior.

A questão da capacidade para os dois jovens construtores de rabetas, aparece na preocupação que eles têm na hora de construir as encomendas que recebem. Essa capacidade está diretamente ligada à quantidade de pessoas que suportará a embarcação. Os participantes utilizam algumas medidas próprias que os ajudam a supor quantas pessoas uma rabeta que eles constroem suporta.

> **Professor**: *Quantas tábuas você utiliza pra fazer um casco de rabeta?*
>
> **Participante (A)**: *Depende de quantas é... a capacidade e da largura pra ficar boa no... no... parte do fundo. É de sete a oito tábuas.*
>
> **Professor**: *Quando você recebe uma encomenda pra fazer uma rabeta pra quatro pessoas, tu já sabe qual o tamanho das peças que tu vai fazer, né?*
>
> **Participante (A)**: *Já aí... [...] Vai ser de... de três e meio. Três e meio de comprimento. [...] Sessenta e cinco a setenta de largura.*
>
> **Professor**: *Esse fundo aí pode ser de mais de uma tábua?*
>
> **Participante (A)**: *Pode ser mais de uma, até três, quatro tábuas... [...] Eu gosto mesmo de fazer só de duas e uma tábua.*
>
> **Professor**: *Aí a falca já vai ser de que tamanho?*
>
> **Participante A**: *A falca é de... de quatro metros. [...] Com... trinta de altura. Pra ficar uma rabetinha mais folgada.*

Mesmo que intrinsecamente percebe-se nos diálogos que os jovens construtores definiram algumas medidas para determinadas peças que compõem a estrutura de uma rabeta. Essas medidas, segundo os dois jovens surgiram da necessidade existente de medir e garantir a capacidade da embarcação, que é encomendada. Nessa perspectiva, Mendes e Lucena (2012) afirmam que,

> [...] a diversidade de sistemas ou práticas de contagem nasce e expressa as características culturais do povo que as inventou e as utiliza e, ao mesmo tempo, responde às necessidades que estimularam sua criação sem a exigência que sejam ou não considerados oficiais, basta-lhes que seu uso seja prático e eficiente (Mendes & Lucena, 2012, p. 69).

Lixar, aplicar massa corrida, lixar novamente e pintar delicadamente são etapas da fase de acabamento da rabeta que recebem uma atenção especial por parte dos jovens construtores, não apenas pela estética admirável que se observa no produto final, mas esse conjunto de ações deixa a superfície externa da embarcação praticamente sem as "rugosidades" que dificultariam o deslize da rabeta sobre a água. E como bem observam os participantes, a rabeta ganha mais velocidade quando desliza melhor. O resultado desse acabamento é perceptível quando se analisa as transformações que ocorrem no processo. As imagens 5, 6, 7 e 8 a seguir, mostram em sequência, a madeira bruta, uma rabeta com madeira plainada, uma rabeta lixada após a massa corrida e uma rabeta com a parte externa do fundo pintada.

Transporte veloz é algo pretendido pela maioria dos usuários de rabeta, por isso é perceptível a preocupação dos jovens construtores em introduzir no produto final as características que possibilitem satisfazer seus clientes. Chegam inclusive a reduzir a quantidade de "braços" no fundo da embarcação.

> **Professor**: *Por que algumas tem menos braços?*

Imagem 5 – Tábuas brutas.



Fonte: Dos próprios autores.

Imagem 6 – Rabeta de madeira plainada.



Fonte: Dos próprios autores.

Imagem 7 – Lixada após massa corrida.



Fonte: Dos próprios autores.

Imagem 8 – Parte externa pintada.



Fonte: Dos próprios autores.

> **Participante (A)**: *Quanto menos tiver melhor ele fica pra carreira, que fica mais leve.*

Nota-se ainda que no ambiente de trabalho dos participantes é comum falarem o termo "carreira" como sinônimo de velocidade. No entanto esse entendimento, assim como a mecânica, relaciona a distância percorrida numa viagem com o tempo gasto nessa viagem.

> **Professor**: *Qual a importância desse tipo de embarcação hoje, para vocês aqui?*
>
> **Participante (B)**: *[...]é um meio de transporte muito importante pra nós ribeirinhos né, porque... eu digo isso porque né, ele chegou pra nós de uma certa forma, digamos assim, né que foi tão... tão agradável, digamos assim, porque melhorou nosso transporte, a gente é... passou a fazer nossas viagens mais rápido, então é algo mesmo muito importante né, não só pra mim, mas pra todos os ribeirinhos.*

É evidente que não faz referência a quantificação de velocidade, mas considera que viajar mais rápido conclui-se a viagem em menor tempo. E quando se trata de diversão, as rabetas velozes são atrações especiais

> **Professor**: *As rabetas que as pessoas encomendam aqui pra você são apenas para as suas necessidades diárias?*
>
> **Participante (A)**: *Tem muitos que querem pra... pra... tem muitos que querem mesmo pra... pras necessidades. Pra uso mesmo de... precisão[...] é, pra trabalho e o... muitos é só pra... pra pofia... se divertirem.*

A *pofia* é um tipo de competição muito praticada por jovens ribeirinhos. Ela consiste numa disputa esportiva entre várias rabetas na qual o objetivo de cada competidor é navegar a uma velocidade superior à dos demais. A rabeta mais veloz é a vencedora. Em algumas localidades rurais é comum a realização de torneios envolvendo várias rabetas.

5. REFLEXÕES FINAIS

Desenvolver um trabalho de investigação em contexto culturalmente diferente do que se costuma ver nos materiais didáticos das escolas, principalmente das áreas urbanas dos municípios, é uma tarefa que exige um olhar desprendido, porém, comparativo das concepções da Matemática institucionalizada. No caso especificamente do

uso da Matemática pelos construtores de rabetas, que é um saber construído no ambiente de trabalho desse grupo, de acordo com as necessidades de aprimoramento dos modelos construídos.

Devido a conexão dos fatos é necessária uma busca articulada, pois os comportamentos estão definidos pelos conhecimentos. Compreender ou pelo menos buscar compreender a Matemática presente nas linguagens utilizadas durante a construção das rabetas. Além de um desprendimento, sensibilidade, respeito, humildade e uma grande dose de vontade, pois conviver no espaço do outro, muitas vezes não é simples. É uma vivência de desconfiança e aprendizagem intensa.

Nessa busca de compreensão, um dos primeiros aspectos importantes a ser considerado é o fato do trabalho de pesquisa ter sido desenvolvido no interior dos estaleiros. Por estar inter-relacionando os conhecimentos não estandardizados. Ressalta-se ainda, pela oportunidade para o processo da formação humanística. Como observada nas falas dos participantes A e B.

> **Professor**: *Os conhecimentos da escola te ajudaram na tua profissão?*
>
> **Participante (A)**: *Acho que me ajudou muito. [...] Pra... tipo pra...é... o estudo... na escola a gente aprende várias coisas, né? A gente aprende a aperfeiçoalizar mais o trabalho...e a gente já entende como é que tem que fazer. A gente já tem que praticar naquilo que vai fazer ser bonito a rabeta.*
>
> **Professor**: *A escola te ajudou nesse trabalho? O estudo na escola você acha que te ajudou a desenvolver esse trabalho aí?*
>
> **Participante (B)**: *É... ajudou né, por exemplo assim, questão de abrir um nome, por exemplo, numa rabeta, é algumas frases assim que eu coloco. isso faz parte do meu estudo. Então, a escola com certeza né, me incentivou muito, é isso, mas sempre eu nunca deixei de estudar né, de estudar pra, pra fazer isso aqui, sempre busquei o estudo, mas sempre as dificuldades aparecem né aí continuo ainda assim nesse meio, meio é... eu estudei... cheguei a perder um ano, uns dois anos sem estudar, aí é não perdi de tudo porque foi nesse tempo que eu evoluí mais nesse trabalho de rabeta...nesse tempo foi que eu fiquei meio longe da escola, meio parado de estudar, foi o tempo assim que eu mais me desenvolvi na construção dessas rabetas.*

Dessa forma, entende-se, que os conteúdos escolares precisam estar em consonância com as práticas cotidianas dos grupos culturalmente identificáveis, estimulando assim, o respeito, solidariedade e cooperação entre os saberes. E isso parece possível nesse caso, especialmente às escolas rurais do município de Breves/PA, porque a construção de rabetas é uma realidade no cotidiano do aluno ribeirinho. Em tempos atuais, em que se enfatiza muito a importância das aulas contextualizadas como meio de articular o conhecimento que o aluno absorve no cotidiano com o conhecimento formal que desenvolve na escola, é uma obrigação da escola explorar os conhecimentos populares que alunos aplicam em suas práticas diárias. Nesse sentido, D'Ambrósio (2001) afirma que.

> Há uma moralidade associada ao conhecimento e em particular ao conhecimento matemático. Por que insistirmos em Educação e Educação Matemática e no próprio fazer matemático se não percebemos como nossa prática pode ajudar a construir uma humanidade ancorada em respeito, solidariedade e cooperação? (D'Ambrósio, 2001, p. 4).

Nessa mesma direção, reitera ainda este autor.

> Eu poderia sintetizar meu posicionamento dizendo que só se justifica insistirmos em Educação para todos se for possível conseguir, através dela, melhor qualidade de vida e maior dignidade da humanidade como um todo, preservando a diversidade, mas eliminando a desigualdade discriminatória, assim dando origem a uma nova organização da sociedade (D'Ambrósio, 2001, p.2).

Portanto, a pesquisa em contextos da profissão de construtores de rabetas passa a ser vista, então, como um convite à troca de conhecimentos entre a cultura tradicional e aquilo que já existe pronto e acabado, na acepção de novas metodologias, de favorecer o diálogo entre a realidade local e o ensino da Matemática na escola.

Sendo assim, o saber-fazer dos construtores de rabetas pode ser um recurso a ser explorado por quem se propor a discutir na escola as inter-relações dos conhecimentos de Matemática inseridas nesses contextos. Acredita-se que buscar, junto a povos culturalmente distintos, a compreensão dos conhecimentos populares relacionados a

Matemática, é fundamental que eles não sejam silenciados ou até mesmo esquecidos nessa inter-relação e sejam transformados em ferramentas para o desenvolvimento cultural das comunidades.

Diante do exposto, espera-se que o presente trabalho de pesquisa, feito através da investigação do processo da prática da construção de rabetas, possa contribuir com novos conhecimentos e estimular a realização de novos estudos como a arte expressa nos desenhos feitos nas rabetas, os efeitos das alterações que os usuários fazem nos motores dessas embarcações, o comércio de combustível para esses motores, a extração e o comércio de madeira para a construção de rabetas, as consequências do aumento do tráfego de rabetas pelos rios e igarapés, entre outros.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Saberes da tradição: para um pensamento nômade e o encontro com a sabedoria. **Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC**, Belém/PA, n. 53, e2025006, 2025. https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2025.n53.e2025006.id749

D'AMBROSIO, Ubiratan. Educação matemática e etnomatemática. **Teoria e Prática da Educação**. Paraná: Maringá, vol. 4, nº 8, junho 2001; pp.15-33.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática:** elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

DANTE, Luiz Roberto. **Tudo é matemática.** 7º Ano. São Paulo: Ática, 2002.

LACERDA, Alan Gonçalves. **A interpretação e a comunicação das regras matemáticas na resolução de problemas de divisão por alunos da 5ª Série do ensino fundamental**, Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação Matemática e Científica, UFPA, Belém, 2010.

LUCENA, Isabel Cristina Rodrigues de. **Educação Matemática, Ciência e Tradição: Tudo no mesmo barco**. Natal: 2005. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

MENDES, Iran Abreu & LUCENA, Izabel Cristina Rodrigues. **"Educação Matemática e cultura Amazônica: fragmentos possíveis"**. Belém: Editora Açaí, 2012.

OLIVEIRA NETTO, Alvim Antônio de. **Metodologia da Pesquisa Científica:** Guia Prático para Apresentação de Trabalhos Acadêmicos. 2. ed. e atualizada Florianópolis: Visual Books, 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 2. ed. rev. e atualizada-São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Marisa Rosâni Abreu. **Wittgenstein e a Matemática**. **In:** Terceiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática-CBEm3, 2008, Niterói. Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos, 2008.

SOUSA, Eliana Ruth Silva & LUCENA, Isabel Cristina Rodrigues de. **Letramento e Etnomatemática: saberes matemáticos no cotidiano dos ribeirinhos**. **In:** Terceiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática-CBEm3, 2008, Niterói. Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos, 2008.

APÊNDICE – DETALHES EDITORIAIS

Histórico

Submetido: 06/09/2025
Aprovado: 01/11/2026
Publicado: 09/11/2026

Como citar esse artigo (ABNT)

SOARES, Cleison de Oliveira; FERREIRA, Hercio da Silva. Perspectiva etnomatemática na prática da contrução de rabetas por estudantes ribeirinhos do Marajó. **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, Belém/PA, n. 56, e2026015, 2026. https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2026.n56.e2026015.id797

Como citar esse artigo (APA)

Soares, C. de O., & Ferreira, H. da S. (2026). Perspectiva etnomatemática na prática da contrução de rabetas por estudantes ribeirinhos do Marajó. *REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura*, (56), e2026015. https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2026.n56.e2026015.id797

Financiamento

Não se Aplica.

Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmica, política de financeira referente a este artigo.

Contribuição dos Autores

Resumo/Abstract/Resumen: Cleison de Oliveira Soares, Hercio da Silva Ferreira; **Introdução ou Considerações iniciais:** Cleison de Oliveira Soares, Hercio da Silva Ferreira; **Referencial teórico:** Cleison de Oliveira Soares, Hercio da Silva Ferreira; **Metodologia:** Cleison de Oliveira Soares, Hercio da Silva Ferreira; **Análise de dados:** Cleison de Oliveira Soares, Hercio da Silva Ferreira; **Discussão dos resultados:** Cleison de Oliveira Soares, Hercio da Silva Ferreira; **Conclusão ou Considerações finais:** Cleison de Oliveira Soares, Hercio da Silva Ferreira; **Referências:** Cleison de Oliveira Soares, Hercio da Silva Ferreira; **Revisão do manuscrito:** Cleison de Oliveira Soares, Hercio da Silva Ferreira; **Aprovação da versão final publicada:** Cleison de Oliveira Soares, Hercio da Silva Ferreira.
CRediT – Taxonomia de Papéis de Colaborador – https://credit.niso.org/.

Direitos Autorais

Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura** os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista. Os editores da **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura** têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

Open Access

Este artigo é de acesso aberto (***Open Access***) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (***Article Processing Charges – APCs***). O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la — ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.

Licença de Uso

Este artigo é licenciado sob a Licença **Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY NC ND 4.0)**. Essa licença permite que qualquer pessoa leia, baixe, copie, distribua e compartilhe os conteúdos, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial na **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, é vedado o uso comercial e a criação de obras derivadas, incluindo traduções, adaptações ou modificações, sem autorização prévia dos autores.

Verificação de Similaridade

Este artigo foi submetido a uma verificação de originalidade por meio do software **iThenticate** (Turnitin), utilizando o serviço **Similarity Check da Crossref**, com o objetivo de identificar possíveis sobreposições de texto e garantir a integridade acadêmica, a conformidade ética e a originalidade da publicação.

Processo de Avaliação

Este artigo foi submetido a um processo de Revisão por Pares Duplo-Cega (***Double blind peer review***), no qual tanto a identidade dos autores quanto a dos avaliadores permaneceu confidencial durante todas as etapas da avaliação, assegurando imparcialidade, rigor científico e integridade editorial.

Avaliadores

Dois pareceristas *ad hoc* avaliaram este artigo e não autorizaram a divulgação dos seus nomes.

Editores

Prof. Dr. Iran Abreu Mendes – Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará, Brasil
Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias – Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará, Brasil

Editores Executivos

Prof. Dr. Luis Andrés Castillo Bracho – Universidade Federal do Pará (UFPA), Pará, Brasil
Prof. Dr. Marcos Fabrício Ferreira Pereira – Secretaria de Educação do Pará, Pará, Brasil

Publisher

Este artigo foi Publicado na **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura**, revista do **Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática (GPSEM)**, grupo vinculado à Universidade Federal do Pará (UFPA). A **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura** publica artigos, resenhas e entrevistas provenientes de estudos e pesquisas das áreas de Educação, Ensino, Cultura e Educação Matemática e Científica, propiciando um diálogo e subsídios para o desenvolvimento do conhecimento científico. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião corpo editorial da **REMATEC – Revista de Matemática, Ensino e Cultura** ou do referido grupo de pesquisa. Na Avaliação CAPES (2021-2024) a referida revista obteve **Qualis A3**.